

MEMÓRIA LEITURA IMAGINAÇÃO

DÉBORA RACY SOARES (UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS (UNICAMP)-FAPESP).

Resumo

Em sentido lato, imaginação, antes de remeter à faculdade criativa, designa a capacidade de representar imagens. Também pode significar a aptidão para evocar imagens percebidas anteriormente. Assim, parece claro que falar em imaginação pressupõe considerar duas instâncias. A primeira delas relaciona-se à possibilidade de representação, portanto, à linguagem. A segunda mobiliza a memória através da linguagem. Poder-se-ia afirmar que a leitura, por sua vez, ocorre no entrecruzamento da memória e das imagens acionadas por essa mesma memória. Imagens re-vistas, re-lembradas ou imagens imaginárias, imaginadas, "transvistas" no ato da leitura? "Aquilo que sabemos que, em breve, já não teremos diante de nós torna-se imagem", segundo o filósofo alemão Walter Benjamin. Desse modo, estamos atavicamente condenados à criação de imagens ao desejarmos reter, na memória, o desvanescente "aquilo". O esforço da memória revela nossa percepção da fugacidade das coisas, isto é, a consciência aguda do tempo e da morte. Porém, de certa forma, como nos ensina Proust, o "real" precisa morrer para ressuscitar na memória. É como se, no caso do escritor à procura do tempo perdido, a memória só fosse possível pela via da imaginação. Ainda que a leitura possa mobilizar outros tempos e nos transportar – pela imaginação – a outras paragens, mesmo assim estamos situados no inevitável agora. Nessa perspectiva, a leitura aciona vários tempos simultaneamente, a cada virar de página. Encontrar o tempo da memória, na memória, convoca imagens em ação, em movimento. Se a memória e o esquecimento são como as duas faces de Jano, então, torna-se fundamental entender que virar páginas também pressupõe aceitar a possibilidade de páginas serem viradas, ou seja, esquecidas. Só assim, através do esquecimento, podemos lembrar, re-lembrar e imaginar. Apoio: Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP).

Palavras-chave:

memória, leitura, imaginação .

Em sentido lato, imaginação, antes de remeter à faculdade criativa, designa a capacidade de representar imagens. Qualquer forma de representação envolve uma linguagem. Vamos pensar nos signos gráficos da língua escrita, isto é, nas palavras. Depois, refletiremos sobre a literatura enquanto forma de utilizar esteticamente a linguagem escrita.

Imaginação também pode significar a aptidão para evocar imagens percebidas anteriormente. Imagem, em português, pelo latim *imago*, remete também à *eikōn* dos gregos, que convoca o enigma da imagem. Enigma que, talvez à maneira daquele outro produzido pela Esfinge enviada por Hera à cidade de Tebas, solicite decifração, sob pena de devoração. Ler é decifrar imagens. Uma imagem é uma representação de uma percepção ou sensação anteriormente experimentada. Portanto, ao falar em imagem estamos falando também em linguagem e memória.

A linguagem enquanto representação, ao substituir a presença de um objeto ausente, convoca nossa memória desse objeto. Pois a linguagem é sempre a representação simbólica de uma falta. Ademais, é a linguagem que mantém a memória viva, seja ela coletiva ou individual. Logo se percebe que a apreensão da

realidade por meio de imagens é sempre um desafio, pois envolve a linguagem e a memória.

Jean-Pierre Vernant (1989) sinaliza, a propósito da *Ilíada* de Homero, que o canto poético é sustentado por uma luta contra o esquecimento e a morte, o que pressupõe a necessidade da palavra e da memória. Se a palavra pode ser poderosa para responder à exigência da memória e lidar com sua fragilidade, também sofre de insuficiência constitutiva. Etimologicamente, a palavra grega *sêma* remete tanto ao túmulo quanto ao signo. É como se significar, representar, já fosse enterrar. Posto de outra forma: o esforço para simbolizar, para criar uma significação, é também uma luta contra a morte, contra o esquecimento.

Portanto, parece claro que falar em imaginação pressupõe considerar duas instâncias. A primeira delas relaciona-se à possibilidade de representação; logo, reivindica a linguagem. A segunda instância aciona a memória através da linguagem. Poder-se-ia afirmar que a leitura, por sua vez, ocorre no entrecruzamento das memórias - do escritor e do leitor - e das imagens mobilizadas por essas mesmas memórias. Imagens re-vistas, re-lembradas ou imagens imaginárias, imaginadas, "transvistas" no ato da leitura?

Para os filósofos românticos alemães - estamos falando em Novalis e nos irmãos Schlegel - não existe pensamento sem linguagem. Decorre desta hipótese que só seria possível apreender no mundo o que estaria pressuposto pela linguagem. Ainda que mundo e linguagem estejam intrinsecamente ligados, não podemos afirmar - depois de Saussure - que haja coincidência entre eles.

Com o surgimento da lingüística moderna, a questão da origem natural das línguas (*physei*) foi abandonada em detrimento da origem arbitrária do signo (*tései*). Essa mudança de paradigma lingüístico abriu caminho para a hermenêutica moderna, pois se "as palavras não se vinculam mais às coisas", não há garantias para a interpretação (Matos, 1998: 08).

Assim, se "o ato de nomear revela a perda de todo *fundamentum in re*", também pressupõe a necessidade da leitura/interpretação (Matos, 1998: 08). Onde a "significação vacila" e os sentidos se multiplicam, o esforço da leitura deve vir à tona, denunciando a falência da "experiência tranquilizadora de um entendimento único" (Matos, 1998: 08).

A propósito de Proust, Walter Benjamin comentou que os vários volumes de *A la recherche du temps perdu*, antes de revelarem "uma vida como ela de fato foi", manifestariam "uma vida lembrada por quem a viveu" (1994: 37). Ademais, para o escritor que "rememora", o mais importante "não é o que ele viveu, mas o tecido de sua rememoração" (Benjamin, 1994: 37). Desse modo, o filósofo alemão questiona se o escritor francês estaria a pôr em curso em seus livros o "trabalho de Penélope da reminiscência" ou o "trabalho de Penélope do esquecimento" (1994: 37).

Há várias questões que podem ser apreendidas destas observações de Benjamin. A primeira delas diz respeito à importante distância entre a realidade viva e a lembrança, essa espécie de vida congelada. Observe-se que a "vida como ela de fato foi", ao passar pelo filtro da linguagem e da memória, dificilmente será a mesma: é como se essa operação simbólica esgarçasse a realidade das referências, convertida, pelo suporte lingüístico, em paisagens *in absentia*.

Se entre a linguagem e o mundo há um *locus* lacunar que funda a própria possibilidade da escrita literária, aí nesse entre-lugar onde as palavras assinalam a

ausência das coisas, sentimos a presença do escritor através do agenciamento da memória. Logo, a inscrição, em sua fragilidade essencial, insiste na sinalização de uma presença ausente: a representação frutifica onde a presença do objeto falha. Fragilidade da escrita, fragilidade da memória. "Lembrar-se é ter uma lembrança ou ir em busca de uma lembrança" (Ricoeur, 2007: 24). No entanto, quais são os limites da lembrança e as possibilidades de equívoco?

É interessante pensar que a "vida como ela de fato foi" supõe a idéia de referência, idéia que Ricoeur (1995) propunha substituir pela noção de refiguração. Assim, seguindo seu raciocínio, quando a experiência do escritor modela a ficção, estaríamos diante da refiguração. No entanto, preferimos falar em transfiguração, já que nosso prefixo latino *re-* designa repetição, ação repetida, retroativa ou de reforço. Portanto, está implícita na palavra re-figuração a idéia de retorno, mais do que a de transformação ou de deslocamento.

A experiência literária, contudo, - tome-se como exemplo os *memorabilia* proustianos - menos do que re-figurar, isto é, representar de novo, opera verdadeiras trans-figurações, interferindo na concretude do real. Aliás, essa operação transfigurativa, por si só, desestabiliza o conceito de verdade, pois problematiza as malhas da realidade e norteia reflexões sobre as fronteiras entre fato e ficção. Dessa forma, a possibilidade de interferência na realidade - ou deveríamos dizer no leitor que pode modificar a realidade - asseguraria aquela dimensão essencial e utópica da literatura que, em nossa opinião, parece anulada ou minimizada quando da utilização do prefixo *re*.

Quando escrever nem sempre é sinônimo de repetição do vivido, o que supõe sua transformação - através da ação da memória/imaginação - a questão da verdade perde importância. Desse raciocínio decorre que a imaginação, ao transcender o critério da verdade, pode inaugurar tanto a mentira quanto a literatura. Por isso, há sempre algo de diabólico na "mefistofáustica" tarefa do escritor, empreendido em "transluciferação" literária (Campos, 1981: 179).

Na esteira de Proust, a transfiguração da realidade pela literatura estaria condicionada à possibilidade de lembrar. Ou de esquecer, através do "trabalho de Penélope do esquecimento", como disse Benjamin. A segunda questão a ser observada concerne ao fato de que a capacidade de lembrar não se dissocia da faculdade de esquecer. O aparente paradoxo, no entanto, funciona como as duas faces complementares de Jano. Lembra-se para se esquecer. Esquece-se para se poder lembrar.

Se Benjamin, em seus ensaios finais, notadamente em suas teses sobre o conceito de história, reafirma a importância da memória que pode trazer à lembrança o passado esquecido ou recalcado pela historiografia oficial, Nietzsche, por sua vez, insiste na importância salutar do esquecimento. Na dialética tensa entre o lembrar e o esquecer, Proust vai tecendo seu texto. Texto, aliás, remete àquilo que é tecido - aos fios da tessitura/textura - como a memória. Em sua busca alucinada - do tempo perdido? Da memória? - o escritor francês construiu "com as colméias da memória" sua obra, "casa para o enxame dos pensamentos" (Benjamin, 1994: 38).

Em tempo: a metáfora de Jano é oportuna, pois o deus romano cujo nome deu origem à palavra janeiro, é representado na iconografia clássica com duas cabeças: uma que remete ao passado, ao término, e outra que sinaliza o futuro, o (re)começo. Se a memória e o esquecimento são como as duas faces de Jano, torna-se fundamental entender que virar páginas também pressupõe aceitar a possibilidade de páginas serem viradas, ou seja, esquecidas. Só assim, através do esquecimento, podemos lembrar, re-lembrar e imaginar.

Ainda que a memória esteja associada ao passado, é interessante pensar que o sujeito que recorda mobiliza três dimensões temporais distintas. Situado no tempo presente, o sujeito convoca as imagens do passado, resgatadas da memória. Ao mesmo tempo, as revê e as revive com os olhos do presente; pode, ainda, acionar seus desejos para refletir não apenas sobre seu passado-presente, mas também para edificar seu futuro.

O desejo, por definição, só pode ser conjugado no futuro, pois pressupõe a existência de um tempo vindouro. Só há futuro onde há desejo. Nas trilhas de Benjamin, saber ouvir o apelo do passado - ainda que em seu aspecto catastrófico - significa imaginar a possibilidade de um futuro outro, a partir da atuação efetiva no presente.

Quando (re)lembramos, as imagens "hesit(am)" naquela "zona intermediária onde o novo ainda se mistura com o velho" (Matos, 1998: 12). A essa altura, o conceito de rastro de Ricoeur pode ser produtivo, pois está relacionado tanto à memória quanto à escrita. A memória, enquanto rastro, "vive essa tensão entre a presença e a ausência"; "presença do presente que se lembra do passado desaparecido, mas também presença do passado desaparecido que faz sua irrupção em um presente evanescente" (Gagnebin, 2006: 44). A convivência ou confusão entre o velho e o novo promoveria a reedição da memória? Em outros termos: até que ponto a lembrança do "passado desaparecido" não é, em parte, construída a cada ato de lembrar, enfim, imaginada?

Quando naquela "zona intermediária", que funciona como um lusco-fusco de lembranças e esquecimentos, opera a construção de memórias e de esquecimentos, a capacidade imaginativa pode entrar em cena. Será que quando não nos lembramos, inventamos?

O escritor é o inventor por excelência. Cria outros mundos, a partir da memória e também da imaginação. Ao escrever sonha e imagina possibilidades outras. E o leitor?

O leitor é o intérprete, tradutor da imaginação, das memórias do escritor. No entanto, a própria interpretação, apesar da espessura do texto, ativa a imaginação do leitor.

Nesse sentido, toda leitura estaria submetida ao signo da criação, à medida que funciona como uma espécie de "transposição criativa" (Jakobson, 1969: 72). Ademais, o leitor, ao potencializar os sentidos do texto, no limite, ao engendrará-los, também atua com um verdadeiro re-criador. Assim, como diziam os filósofos do romantismo alemão, o leitor é o autor ampliado, isto é, elevado à máxima potência, pois é capaz de desdobrar os sentidos do texto. Seguindo esse raciocínio, o leitor é tão importante quanto o texto, pois sem aquele este não existe.

Talvez seja por isso que Haroldo de Campos tenha inventado, na esteira de Jacques Derrida, a palavra "transluciferação" para descrever a tarefa do leitor. Se para Derrida a leitura/tradução funciona como uma "empresa satânica", para Campos ela também é "transcrição", "transparadisação", "transluminação" (Campos, 1987: 65). Para dizer com Manoel de Barros, a operação de leitura, tal como a imaginação, é capaz de "transver o mundo" (2000: 75).

Apoio: Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP).

Referências Bibliográficas

BENJAMIN, Walter. A imagem de Proust. In: _____. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994: 36-49.

BARROS, Manoel de. As lições de R.Q. In: _____. **Livro Sobre Nada**. Rio de Janeiro: Record, 2000: 75.

CAMPOS, Haroldo de. Transluciferação mefistofáustica. In: _____. **Deus e o diabo no Fausto de Goethe**. São Paulo: Perspectiva, 1981: 179-209.

_____. Reflexões sobre a transcrição de *Blanco*, de Octavio Paz, com um excuroso sobre a teoria da tradução do poeta mexicano. In: **1º Seminário Latino-Americano de Literatura Comparada**. Porto Alegre: UFRGS, 1987: 64-65.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. **Lembrar escrever esquecer**. São Paulo: Ed. 34, 2006.

JAKOBSON, Roman. Aspectos lingüísticos da tradução. In: _____. **Lingüística e comunicação**. São Paulo: Cultrix, 1969: 63-72.

MATOS, Olgária. Passagens: cidades-viagem. In: MISSAC, Pierre. **Passagens de Walter Benjamin**. Trad. Lilian Escorel. São Paulo: Iluminuras, 1998: 07-12.

RICOEUR, Paul. **Réflexion faite**. Paris: Esprit, 1995.

_____. **A memória, a história, o esquecimento**. Trad. Alain François [et al.]. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2007.

VERNANT, Jean-Pierre. **L'individu, la mort, l'amour**. Paris: Gallimard, 1989.